

## A TRANSGRESSÃO NIILISTA NO ROMANCE CRIME E CASTIGO DE DOSTOIEVSKI

Humberto Monteiro Vicente<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga a transgressão moral de Raskólnikov em *Crime e Castigo*, de 1866, a partir de uma abordagem comparativa, hermenêutica e crítica, articulando a filosofia do niilismo de Friedrich Nietzsche e a sensibilidade histórico-cultural, analisada por Joseph Frank. A partir das contribuições da História das Mentalidades, o estudo interpreta o crime não como um ato isolado de carência material, mas como expressão simbólica de uma estrutura mental de longa duração em crise. A análise, de caráter qualitativo e bibliográfico, incorpora também artigos e interpretações brasileiras, e evidencia a tese racional-utilitarista do personagem Raskólnikov como sintoma dialético de tensões entre ideias ocidentais e o contexto social russo do século XIX. Assim, o crime torna-se um sintoma, um gesto de niilismo afirmativo que busca superar a moral cristã tradicional, mas que revela a própria falência dos valores e a instabilidade espiritual da época. O romance, nesse sentido, espelha tanto a crise histórica de São Petersburgo quanto os movimentos intelectuais na Rússia, particularmente nos séculos XIX. Este artigo não traz um fim em si, e sim um início de entendimento em função das diversas abordagens interdisciplinares possíveis entre Dostoiévski e Nietzsche. Não se busca exaurir o tema ou atingir um utilitarismo teórico, mas estabelecer diálogos entre a filosofia, a literatura e a história crítica.

**Palavras-chave:** niilismo; transgressão; mentalidades; Dostoiévski; modernidade.

### ABSTRACT

This article investigates Raskolnikov's moral transgression in *Crime and Punishment*, from 1866, from a comparative, hermeneutic, and critical approach, articulating Friedrich Nietzsche's philosophy of nihilism and the historical-cultural sensibility, analyzed by Joseph Frank. Based on the contributions of the History of Mentalities, the study interprets crime not as an isolated act of material need, but as a symbolic expression of a long-term mental structure in crisis. The analysis, of a qualitative and bibliographic nature, also incorporates Brazilian articles and interpretations, and highlights the rational-

---

1

Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO). Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea, sob a orientação dos Profs. Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa.

---

Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO  
Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000  
[unisagrado.edu.br](http://unisagrado.edu.br)

utilitarian thesis of the character Raskolnikov as a dialectical symptom of tensions between Western ideas and the Russian social context of the nineteenth century. The novel, in this sense, mirrors both the historical crisis of St. Petersburg and the intellectual movements in Russia, particularly in the nineteenth centuries. It does not seek to exhaust the theme or achieve a theoretical utilitarianism, but to establish dialogues between philosophy, literature and critical history.

**Keywords:** nihilism; transgression; mentalities; Dostoevsky; modernity.

## Introdução

O presente trabalho propõe uma análise comparativa, hermenêutica e histórica do romance *Crime e Castigo*, situando o crime de Raskólnikov no cruzamento entre a crise das mentalidades russas do século XIX, a filosofia do niilismo e a formação da sensibilidade moderna. Para isso, articula-se uma abordagem crítica inspirada na Escola dos Annales, especialmente a concepção de longa duração de Marc Bloch e Michel Vovelle, para compreender o ato criminoso não como evento isolado, mas como expressão simbólica de uma transformação profunda na estrutura cultural e psicológica do período. A pesquisa é de caráter metodológico qualitativo e bibliográfico, fundamentada em obras clássicas, artigos acadêmicos e contribuições brasileiras que tratam do niilismo, da história cultural e da recepção de Dostoiévski, permitindo integrar diferentes tradições interpretativas em um mesmo quadro analítico.

Através da hermenêutica literária, o romance é lido como documento histórico e ao mesmo tempo como crítica cultural inserida no debate sobre racionalismo, utilitarismo, materialismo científico e a recepção russa das ideias ocidentais. Nesse sentido, a obra de Joseph Frank, maior estudioso americano do niilismo russo, constitui base essencial para compreender a formação da sensibilidade histórica que molda o personagem. Para Frank (2002), Raskólnikov sintetiza conflitos típicos da juventude russa pós-1860, entre a moral cristã tradicional, a nova ciência determinista, o materialismo radical e a ideologia utilitarista, revelando um sujeito movido pela modernização tardia e pela importação de modelos filosóficos estrangeiros. Essa análise dialoga também com a perspectiva de

Nikolai Berdiaev (1948), filósofo existencialista Russo cristão cuja reflexão sobre o “espírito russo” e a crise dos valores na modernidade ilumina a dimensão espiritual e metafísica do niilismo, entendido não apenas como doutrina, mas como ruptura interior e perda de sentido.

A leitura de Nietzsche, aqui empregada, não pretende transformar Dostoiévski em discípulo de Nietzsche, mas utilizar a filosofia do niilismo e da vontade de poder como ferramenta crítica para interpretar a lógica interna que fundamenta o crime de Raskólnikov. Nietzsche (2001) permite analisar o gesto criminoso como tentativa desesperada de criar valores, de testar a si mesmo contra a moralidade herdada e de transformar o ato em prova de grandeza. Raskólnikov encarna apenas a caricatura, ou sintoma frágil do herói moderno, alguém que afirma a tese do extraordinário, mas cuja motivação é o ressentimento, não a potência. Já para Dostoiévski (2001), Napoleão não é símbolo de força criadora, mas o representante máximo do egoísmo utilitarista moderno, justificando o mal em nome do cálculo racional. O protagonista adere à imagem dostoiévskiana de Napoleão, e não à nietzschiana, o que evidencia o erro filosófico que o conduz ao colapso do personagem no romance.

Assim, o presente estudo combina métodos históricos, filosóficos e hermenêuticos, inspirados na longa duração da Escola dos Annales, na crítica cultural nietzschiana, na análise intelectual de Joseph Frank, nas reflexões espirituais de Nikolai Berdiaev e na bibliografia qualitativa brasileira sobre o tema para demonstrar que Raskólnikov não é apenas um personagem ficcional, mas a materialização literária do niilismo russo. Seu crime expressa tanto a crise cultural da Rússia imperial, tensionada entre tradição e modernidade, quanto a falência das ideologias racionais importadas do Ocidente. Dessa forma, *Crime e Castigo* revela a complexa relação entre história, pensamento e subjetividade, permitindo compreender o assassinato como metáfora de uma sensibilidade cultural partida, cuja ruptura se torna visível no gesto extremo do protagonista.

### **A Transgressão Niilista no Romance Crime e Castigo de Dostoiévski**

Raskólnikov, (De nome à palavra russa "Raskólnikov", que significa "cisma" ou "divisão") é um jovem ex-estudante de direito em São Petersburgo, na Rússia do século XIX. Ele larga os estudos por causa de sua condição de extrema pobreza; mora de aluguel em um quarto pequeno, escuro e sufocante, espaço esse que simboliza sua clausura interior e seu afastamento da sociedade. E aqui uma breve apresentação descritiva indireta, para a familiaridade desse personagem como foco desse artigo. É idealizado por Dostoievski como um intelectual, solitário, atormentado, carrancudo, sombrio, soberbo, altivo, desconfiado e hipocondríaco, magnânimo e bom. Não gosta de externar seus sentimentos e antes prefere uma crueldade a fazer falar o coração, as vezes não tem nada de doente, mas é simplesmente frio e insensível e até desumano como se nele se alternassem dois caracteres opostos. Não ouve até o fim os que os outros falam, nunca se interessa pelo que todos os outros estão interessados em dado momento, tem um conceito terrivelmente alto de si.

Raskólnikov, quando estudante universitário, quase não tinha amigos nem colegas, esquivava-se de todos, não visitava ninguém, e recebia raramente alguém em seu cômodo, aliás todos eles lhe deram as costas. Não participava de assembleias comuns, nem das conversas, nem das brincadeiras, não participava de nada, de certa forma. Estudava com intensidade, sem se poupar, e por isso o respeitavam, mas ninguém gostava dele. Era muito pobre e de certo modo soberbamente orgulhoso e não comunicativo, como se ocultasse algo a respeito de si mesmo. Aos outros colegas parecia que ele os via, a todos, como crianças, de cima, como se julgasse a todos pelo desenvolvimento, pelo conhecimento e convicções as quais considerava inferiores às suas (Dostoievski, 2001, p. 66, 226). Há momentos em que atrasa o aluguel e depende da boa vontade da senhoria ou até da ajuda de outras pessoas, como Razumikhin, seu único amigo, ou da mãe e da irmã, que se sacrificam por ele financeiramente.

Sua condição de extrema pobreza o leva a penhorar alguns objetos pessoais para uma velha rica penhorista chamada Alyona, que no romance é uma personagem que se aproveita de todos e abusa fisicamente e emocionalmente de sua inocente meia irmã, Lizaveta, que tem problemas mentais. O romance começa com Raskólnikov recebendo

uma carta de sua mãe, o informando que sua irmã está noiva de um funcionário do governo chamado Lujin, um homem rico que só se importa com sua aparência social, e que procura uma noiva atraente e submissa para que possa cultuá-lo. A intenção de sua irmã com o casamento é ajudar financeiramente Raskólnikov

O irmão, que é totalmente contra esse casamento, tomado pelo ódio e humilhação, vai a uma taberna onde escuta um diálogo entre estudantes, que o mundo seria melhor se a rica penhorista Alyona estivesse morta, e o dinheiro fosse usado para realizar cem mil boas ações. "Centenas, talvez milhares de existências encaminhadas, dezenas de famílias salvas da miséria, da morte, das doenças, e tudo isso com o dinheiro dela. Mate-a, e tome-lhe o dinheiro para com sua ajuda dedicar-se depois a servir toda a humanidade e a uma causa comum. O que você acha? Esse crime ínfimo não seria atenuado por milhares de boas ações? por uma vida, milhares de vidas salvas do apodrecimento. Uma morte e cem vidas em troca – ora, isso é uma questão de aritmética" (Dostoiévski, 2001. p. 80). Ao ouvir essa conversa, Raskólnikov estremece pela coincidência do seu íntimo febril e doente que, de certa forma, já planejava justificar esse crime.

Raskólnikov, meses antes de cometer o crime, escreveu e publicou um artigo (anonimamente, a princípio) intitula-se "Sobre o Crime" que os extraordinários, que infringem as leis, são capazes de levar a sociedade a um novo patamar de evolução (como Napoleão, citado por ele). menciona uma nova moralidade, e como homens extraordinários podem transgredir padrões morais aceitos para o bem comum, com a consciência tranquila. O ordinário seriam o povo, devem viver na obediência às leis, pois não possuem a capacidade de inovar e são conservadores por natureza. A sua função é a reprodução da espécie e a manutenção da ordem existente.

Raskólnikov vai ao apartamento da velha penhorista Alyona e a mata com um machado. Enquanto procurava seu dinheiro e bens, Lizaveta, irmã da velha, entra, e se depara com o cadáver; chocada e paralisada pelo terror, Raskólnikov em fúria doentia se aproveita e a mata também. Ele mal consegue escapar do apartamento sem ser visto, se livra dos bens materiais roubados após o crime, colocando-os embaixo de uma pedra, sem nunca ter usado para uso próprio, para depois retornar ao seu cubículo e desmaiar.

Após o assassinato, Raskólnikov afirma que matou um princípio, que um "piolho" foi removido da sociedade. No entanto, a culpa atormenta sua consciência após os assassinatos e o faz delirar. Neste momento, considera que a sua tese cai por terra, e ele não se vê mais como extraordinário, e que afinal, sua consciência está enraizada historicamente e inocentemente na velha moralidade baseada na religião, enlouquecendo-o e desequilibrando-o mentalmente.

Como analisa Frank (2002), *Crime e castigo* concentra-se na solução de um enigma, o mistério da motivação do criminoso. Isso porque o próprio Raskólnikov, como ficamos sabendo ao longo do romance, descobre que não entende porque matou, ou melhor, ele toma consciência que seu propósito moral que teria inspirado, não pode explicar seu comportamento. Matou não pelos motivos altruístas e humanitários que acreditava estarem agindo sobre ele, mas por uma necessidade egoísta de testar sua força. Para melhor compreensão, antes de analisar o crime de Raskólnikov, é indispensável situar o livro *Crime e castigo* no contexto histórico e intelectual da Rússia da década de 1860, cenário que Dostoievski escreve seu romance.

Nesse contexto histórico de 1860, o Czarismo na Rússia era um sistema político absolutista sob o Czar Alexandre Segundo, caracterizado pelo poder ilimitado do monarca e pela sociedade agrária e semifeudal composta em sua maioria por camponeses que viviam em regime de servidão. Pouco depois, em 1861, decretada a emancipação pelo Czar Alexandre II, em 19 de fevereiro, emancipará os servos, concedendo-lhes direitos civis e a liberdade de se casar, possuir propriedades e ter negócios, embora muitas vezes sem a posse da terra em si. Passo crucial na expansão das relações capitalistas almejada por grande parte da classe dominante para industrialização. A reforma visava a modernização do país e, ao permitir a circulação de pessoas e, em certa medida, de capital, criou condições para investimentos, inclusive estrangeiros, que se tornaram a base da industrialização russa tardia.

Frank (2002) considera que a obra *Pais e filhos*, do russo Ivan Turgnev, inaugurou o tema predominante russo na década de 1860, o conflito entre racionalismo e materialismo defendido pela nova geração, e todos sentimentos e valores "irracionais" que a nova geração se recusava a admitir. Denunciou a tirania, popularizando o conceito

de Nihilismo e o conflito entre gerações, exprimindo a revolta dos jovens contra a autoridade e a ordem estabelecida. Segundo Frank (2002), o termo nihilismo entrou em uso na Rússia por causa dos radicais e que devido ao romance de Turgueniev, estava destinado a se popularizar. A geração de 1860 tinha a convicção de que as ciências físicas, com sua teoria de um determinismo material universal, forneceriam a base para a solução de todos os problemas, inclusive de natureza moral e social.

De acordo com Berdiaeff (1848), o nihilismo como movimento intelectual russo dos anos 1860 foi elaborado em grande parte pelos filhos dos sacerdotes, que foram educados segundo a ortodoxia russa e traziam um novo conjunto de ideias e valores. Essa nova geração, influenciada pelas ideias oriundas do ocidente, pregavam materialismo individualismo e o utilitarismo. Tais manifestações aconteciam por meio de revistas literárias, distribuindo proclamações de raiva e revolta contra as condições existentes. Frank (2007) afirma que Pissarev, democrata revolucionário, crítico e filosófico materialista russo entre 1840 e 1868, fez parte da nova geração de ideólogos do nihilismo, que entendia que a única esperança de progresso estava no autodesenvolvimento da juventude educada por meio dos estudos das ciências. Além disso, pontua que ainda que as ideias de socialismo como Tchernochévski, Dobroliúbov e Pissarev se distinguem em alguns aspectos, aproximavam-se em outros, pois não só defendiam o ateísmo, como também ridicularizavam a moral cristã como um produto de uma superstição ultrapassada.

Devido a fama da obra Pais e filhos e pelas críticas recebidas por ele, Tuguiniênev afirmou em resposta a uma destas críticas que apenas duas pessoas haviam compreendido seu romance, e uma delas era Dostoievski. Tuguiniênev quis apresentar seu personagem Bazárov, uma figura trágica que longe da dicotomia de bom e mau representa um herói cuja tragédia reside no conflito de sua mentalidade com as ideias ocidentais, e cujo coração encarna a nova geração radical russa da década de 1860, que rejeita todas as formas de autoridade e valores tradicionais em favor do materialismo e da ciência. Um nihilista convicto, o que significa que ele nega a validade de todas as leis, costumes, tradições, arte e instituições sociais existentes. Para ele, só importam os fatos verificáveis pela ciência e pela experiência, desdenhando de abstrações como o amor

romântico, a poesia ou a autoridade. Dostoiévski compreende esta intenção, e Frank (2002) nos diz que em rascunhos de uma carta publicada em *Notas de inverno sobre impressões de verão*, Dostoiévski expressou, com exatidão, o tipo trágico que Bazárov apresenta:

Com que satisfação egoísta repudiamos Turguiniénev por ter a ousadia de não ficar satisfeito conosco, de não se dar por feliz com nossas personalidades majestáticas, e por ter ido procurar em outro lugar algo melhor do que nós... Melhor do que nós, Deus do céu! ... E assim tem o que merecia por causa de seu Bazaróv, de seu inquieto e atormentado Bazaróv (sinal de um grande coração) apesar de todo o seu niilismo (Dostoiévski, *apud* Frank, 2002, p.254).

A principal diferença de obra de Turguêniev é que ele retratou o niilismo de forma mais pragmática e como um conflito geracional e ideológico, e como contraponto, Dostoiévski explora o Niilismo levado ao extremo, metafísico em um nível psicológico e moral profundo, como uma força destrutiva que desafia o sentido da existência humana e a fé cristã, tentando demonstrar o quanto as perigosas ilusões dos radicais poderiam afetar a personalidade humana em geral, em particular as consequências morais e sociais das ideias niilistas, como esclarece Frank:

O propósito dos niilistas não era apenas combater o despotismo czarista; queriam também substituir os ideais herdados dos Evangelhos e dos ensinamentos de Jesus Cristo por uma moral fundamentada no egoísmo racional. Como romancista Dostoiévski investigara em obras como *Memórias do subsolo*, *Crime e Castigo* e *Os Demônios*, aquilo que temia e previa ser os resultados, socialmente desastrosos e autodestrutivos para a humanidade, de qualquer tentativa de por em prática uma nova moral como essa. Nos quatro anos que passou no exterior de 1865 a 1871, convenceu-se mais do que nunca que o niilismo russo era uma transplantação artificial de todas as moléstias ideológicas que minavam a civilização ocidental (Frank, 2007 p.101).

De acordo com este autor, Dostoiévski fez sua viagem pela Europa em junho de 1862 saindo da Rússia e passando pela Alemanha, Bélgica e pela França. Nessa viagem, o romancista confirmou sua convicção de que a cultura ocidental tornou-se tão depravada que os europeus perderam o sentido da sua conduta, trocando o bem pelo mal, sem nenhum senso moral, e interpretou que o niilismo russo seria uma adoção ou sintoma de uma adoção das ideologias da cultura europeia. As impressões sobre Paris como as ideias iluministas da Revolução Francesa, *liberté, égalité, fraternité*, mostram-se como ilusões distantes do verdadeiro caráter do francês. Interrogando-se sobre o que foi feito com esses ideais, chega à conclusão de que a liberdade e a igualdade são apenas ficções inventadas pela burguesia para enganar o proletariado, pois é inconcebível o direito à liberdade política e à igualdade perante a lei desacompanhado da igualdade econômica.

A fraternidade, para Dostoiévski, seria uma antítese do caráter Europeu, pois, no entendimento do autor, a fraternidade seria uma relação mútua instintiva entre o indivíduo e a comunidade na qual cada um só deseja o bem-estar do outro. Dostoiévski se espelhava na Rússia para defender que entre os camponeses russos existia a verdadeira fraternidade, uma vez que os europeus não eram capazes de experimentar esses sentimentos em relação a comunidade, já que suas ideias pessoais eram opostas a esses valores, já que colocavam o ego acima de tudo. Deste modo, os ocidentalistas sempre reagiram contra a comuna russa, pois para eles ela não permitia o pleno desenvolvimento da personalidade individual, como observa Frank:

O indivíduo não insiste, como no ocidente, em seus direitos exclusivos como um eu isolado; cede livremente esses direitos à comunidade em sacrifício, sem que se precise pedir-lhe para fazê-lo Reciprocamente, a comunidade, sem fazer quaisquer exigências ou impor quaisquer condições ao indivíduo, garante-lhe proteção e posição igual a todos (Frank, 2002, p. 339 – 340).

Nesse sentido, através de sua literatura, o autor acreditava que absorção de ideias ocidentais poderia corromper e até mesmo destruir a alma do povo russo. Não negava que também existia corrupção na Rússia, mas destacava o seu pensamento diferente em relação ao dos europeus; os russos tinham consciência de sua delinquência moral, e por isso preservaram ainda sua base moral. Toda geração mais nova assimilava a cultura da Europa ao retornar para a Rússia e achar a vida em sua terra insuportável. Dostoiévski não queria crucificá-los, pelo contrário "Toda as consequências de suas convicções utilitaristas e materialistas era uma indicação de um conflito entre o que se diz e o que realmente se quer dizer, e que o erro era uma chave para algo oculto e escondido sob a ideia que deve ser entendido como seu sentido real" (Frank, 2002, p. 277). O romancista acreditava ainda que a influência dos niilistas sobre a juventude russa havia se dado por razões que não se poderiam considerar malévolas, como afirmado em carta para o editor da revista *Gazeta de Moscou*:

E entre nós russos, nossos pobres rapazinhos e mocinhas indefesas, continuamos tendo nosso próprio fruto fundamental, eternamente presente, sobre o qual o socialismo continuará

por muito tempo a ser fundado, isto é, o entusiasmo dessas pessoas pelo bem e usa pureza de coração. Existem entre eles inúmeros canalhas e patifes. Mas todos esses alunos de colégio, esses estudantes, dos quais já vi tantos, tornaram-se niilistas de maneira tão pura, tão pouco egoísta, em nome da honra, da verdade e da verdadeira utilidade (Dostoiévski, 2003 *apud* Frank, 2002, p.89).

Indo de encontro a essa ideia, Nikolai Berdiaev (1948), filósofo existencialista cristão e teólogo ortodoxo russo, afirmava que quase todos os russos eram niilistas porque a cultura não resolve os problemas finais, não soluciona questões fora do processo terrestre. Berdiaev foi profundamente influenciado por Fiódor Dostoiévski, a quem dedicou estudos sobre o niilismo russo. Ele analisou personagens dostoiévskianos para ilustrar como o niilismo e a revolta contra a moralidade tradicional levam ao crime e à perda de sentido:

Para o ‘rapaz russo’ absorto na solução das questões metafísicas, por deus e a imortalidade, ou pela organização da humanidade segundo o estatuto novo, assim como para o ateu, para o socialista, para o anarquista, a cultura representa um obstáculo através de seu movimento impetuoso para um desfecho. Quando os ocidentais se esforçavam por organizar historicamente o mundo, os russos, com um salto formidável, querem encontrar imediatamente a conclusão (Berdiaev, 1921 p.15 -16).

Segundo Frank (2003), Dostoiévski não queria difamar ou apenas denunciar a juventude russa através de seus romances; pelo contrário, Dostoiévski não concordava no uso da força para reprimir as ações muitas vezes desesperadas da juventude niilista, na qual o Czarismo russo deveria fornecer maior liberdade de expressão de alguma maneira socialmente permitida. Através de seus romances buscava descrever a simbiose europeia na psique russa, representando, por meio das personalidades multifacetadas de seus personagens, um conflito não só sociocultural, mas principalmente intrapsíquico, que se refere a processos que ocorrem dentro da mente indivíduo, que revela a enorme angústia experimentada da nova geração de russos.

Como considera Monteiro (2008), o niilismo russo da segunda metade do século XIX desenvolveu-se no imaginário daquela sociedade juntamente com ações de jovens estudantes socialistas, que atuavam nas grandes cidades do país como São Petersburgo, Moscou, Novgorod, em tentativas de organizar a população camponesa e operária para a ação revolucionária contra o estado Czarista. O socialismo russo daquele momento, chamado pelos estudiosos de *narodnik*, inspirava-se, inicialmente, em princípios socialistas e anarquistas da Europa ocidental da época propostos por nomes como Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon e Victor Considérant. Compunha-se de diversas

correntes de pensamento que se desenvolveram ao longo das décadas de 1860-80 e que estiveram no centro de importantes fatos como a organização da Primeira Internacional (1864) e a Comuna de Paris (1871). Alguns grupos, inclusive, o anarquismo, optariam pelo terrorismo como forma de ação política; a estes, o rótulo de ‘niilistas’ seria atribuído ainda mais fortemente:

Estas mesmas características compreendidas pelos grandes jornais, governos e parte da opinião pública letrada, com sentidos claramente negativos, puderam também construir-se, inversamente, como significações positivas moralmente e racionalmente justificáveis e justificada por outros sujeitos do imaginário da mesma sociedade” (Monteiro, 2008 p.30).

Portanto, esse momento sócio-histórico seria o primeiro no qual o niilismo tomaria contornos de formas simbólicas e significados no imaginário social difundidos pelos meios de comunicação como jornais e literatura, em combate às instituições tradicionais como a religião cristã, a propriedade e o Estado, com ênfase na necessidade da ruptura com o passado, talvez até maior que o detalhamento das formas de recriação do futuro. A negação de valores que o niilismo envolve valores tidos como absolutos, porém são características que não teriam os mesmos sentidos simbólicos em todo o conjunto do imaginário social, diferenciando-se em épocas, contextos, geografias e pensamentos filosóficos, seja naquela época ou em nosso tempo. Como observa Monteiro:

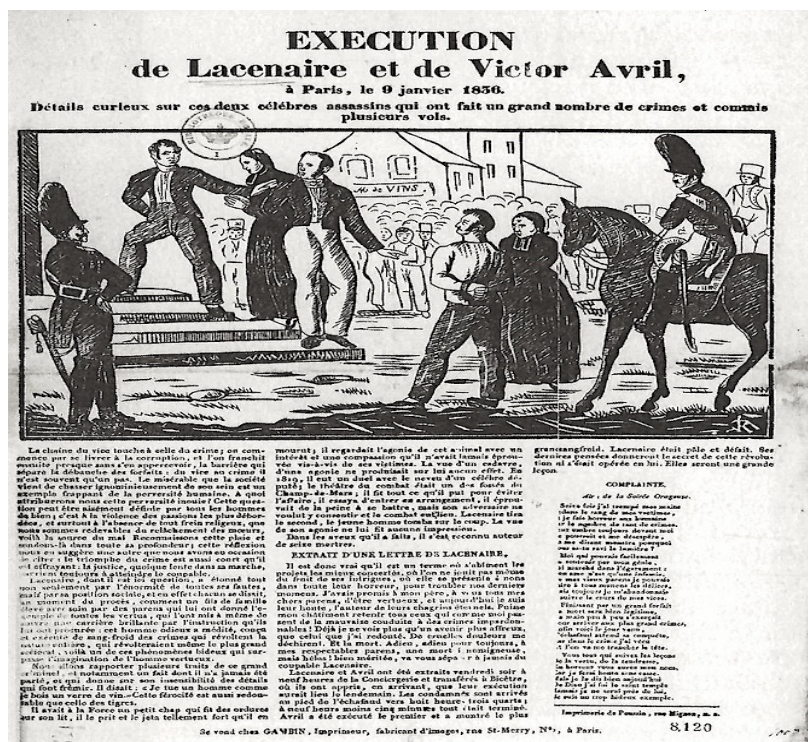
Mais do que isso, é ainda nesse contexto que o niilismo toma corpo em movimento explicitamente políticos, que inclusive extrapolariam as fronteiras territoriais da Rússia para todo o ocidente em formas ressignificadas pelo anarquismo. É ainda o mesmo momento em que a existência social desses movimentos políticos ajudaria a compor as primeiras reflexões filosóficas a respeito do Niilismo enquanto condição de sensibilidade do homem moderno (Monteiro, 2008 p.30).

A crueldade é um estrito fenômeno humano, uma resposta emocional de indiferença ou mesmo prazer diante do sofrimento e dor de outros. Em tempos primitivos, tal reparação social era desempenhada pela crueldade, a qual era uma forma de satisfação face ao dano sofrido. Causar dor e sofrimento era uma compensação que visava recobrar no credor seu sentimento de bem-estar, seu sentimento de poder. Segundo Nietzsche, "A equivalência está em substituir uma vantagem diretamente relacionada ao dano (uma

compensação em dinheiro, terra, bens de algum tipo) por uma espécie de satisfação íntima, concedida ao credor como reparação e recompensa" (Nietzsche, 1887, p. 49).

O bonapartismo, uma ideologia política, e um culto à personalidade de origem francesa, também estava presente nos acontecimentos referentes ao assassino francês Lacenaire, cujo o julgamento (guilhotinado) foi transcrito pelo próprio Dostoiévski (1861) na revista *Tempo* na primeira década de 1860, e cujas a similaridades com o personagem Raskólnikov, que ainda iria surgir, são bastantes evidentes: ambos são educados, influenciados por Napoleão, utilitaristas, ateus, antissociais e vingativos; ambos cometem crime com um machado, além de terem publicado artigos especulativos. Ambas as figuras encarnam muitas características do niilismo:

Figura 1



Fonte: Planilha de *canard* contemporânea por Gambin Printers (Paris, 1836).

A invasão de Napoleão à Rússia, em 1812, foi um marco histórico de uma memória coletiva de um trauma nacional que influenciou a imprensa e o imaginário social do

contexto em que literatura foi escrita, sendo uma formação mental de longa duração, modelando sensibilidades, imaginários e tensões morais. Como se nota, no romance, Raskólnikov herda esse imaginário cultural da figura napoleônica, que aparece como ideal de grandeza individual. O crime do Frances Lacenaire como fato histórico e os movimentos políticos e sociais niilistas são de importância fundamental no romance de Dostoevski,

E a arte nos representa os fragmentos e rupturas da história, seja ela uma história do crime ou uma história que exploram camadas psicológicas e marginalizadas. Ela nos mostra essa fusão de "ficção" e "realidade" e atua na composição do imaginário social russo, que no momento dava-se ambas as direções, simultaneamente: tanto a história como a literatura influenciavam as construções do "eu", dos pensamentos e identidades políticas de seus leitores. Mesmo um conhecido adepto do materialismo histórico como Erick Hobsbawn admitiu que, naquele contexto, "vida e literatura estão muito próximas na Rússia" (Monteiro, *apud* Hobsbawn, 2008 p.33).

O filósofo Friedrich Nietzsche (ano) se preocupou com o tema do niilismo, que apareceu diretamente como problemática em suas obras desde o princípio da década de 1880, embora ligado a outros temas caros a sua discussão (a arte, ciência a religião e a moral) e tratado de forma ambígua. Inicialmente tratado por Nietzsche como uma condição psicológica humana de fraqueza, esgotamento e impotência frente ao mundo, o niilismo adquire, posteriormente, também um sinal de vigor e força criativa. "Analisamos assim que mesmo que Nietzsche trate filosoficamente o problema do niilismo este continua profundamente ligado em fatores sociais e históricos" (Monteiro, 2008, p.30).

A reparação que Nietzsche cita é questão fundamental que conecta o niilismo ao crime de Raskólnikov. É essa reparação, o desejo de transgredir, ou limite que tenta ultrapassar para se testar o extraordinário de sua tese, que o motiva quando decide matar a velha agiota porque ela é má, cruel, desumana. E para justificar seu crime, não usa da repulsa moral que demonstra sentir pelo comportamento da senhora, mas sim o convencimento de si mesmo de que a vida dela é inútil. Substitui, dessa forma, uma reação moral instintiva por um critério utilitarista, acreditando que, ao matar um ser humano tão ruim, estaria

fazendo um bem para humanidade. Na sua crise de culpa e delírio, Raskólnikov se compara, pejorativamente, com o homem extraordinário, mais particularmente Napoleão:

Não, aqueles homens não foram feitos assim; o verdadeiro soberano, a quem tudo é permitido, esmaga Toulon, Faz uma carnificina em Paris, esquece um exército no Egito, sacrifica meio milhão de homem na campanha da Rússia e se safá, e ao morrer é transformado em ídolo, logo, tudo lhe é permitido. Não, pelo visto esses homens não são de carne, são de bronze (Dostoievski, 2001, p. 284) .

Quando o homem perde a crença em seu próprio valor, ele cria para si outros que o justifiquem. Precisa acreditar que serve a algo maior, para não sucumbir. Cria, então, uma moral, um ideal, um propósito, e submete suas ações a essa ficção para continuar a se estimar. O niilismo começa quando esses valores já não convencem; mas, enquanto acredita neles, o homem suporta até a violência de seus próprios atos. Nietzsche, em *Vontade de Poder*, afirma que a perda do centro de gravidade pessoal leva o indivíduo a buscar fora de si aquilo que já não encontra em sua alma, e assim começa a fabricar, consciente ou inconscientemente, sistemas de valores, doutrinas morais, ideais e ficções que lhe permitam continuar acreditando em sua própria importância. O homem, para não sucumbir, cria para si um dever, um propósito, um ‘princípio’, como se por meio dele estivesse ligado a um todo mais elevado. Ele inventa um significado para seu gesto, ainda que esse significado não passe de uma necessidade desesperada de justificar sua ação perante si mesmo. Como afirma Nietzsche, 1887, p.78–79):

O homem, uma vez privado dos valores que o sustentavam, esforça-se por criar para si um sentido. A vontade oprimida por uma culpa que não sabe nomear fabrica um mundo no qual possa justificar a própria existência inventa propósitos, causas, responsabilidades; cria ideais e categorias morais que lhe permitam suportar-se a si mesmo.

Michel Vovelle, em *Ideologia e Mentalidade* (1991), analisa diretamente a função de atos individuais como sintomas de transformações culturais profundas e mostra como ideologia modernas, como o culto ao indivíduo, ao progresso, à ciência e ao herói moldam os comportamentos da sociedade. Para o autor, o crime de Raskólnikov pode ser visto como uma manifestação de ato ideológico, inspirado por uma mentalidade racionalista moderna e violenta que vive em conflito com a moral e os valores religiosos.

A transgressão moral cometida por Raskólnikov em *Crime e Castigo* não deve ser interpretada apenas como um delírio individual, mas como manifestação simbólica de uma estrutura mental coletiva em crise. Ao justificar seu crime com base na figura de Napoleão, o protagonista incorpora um imaginário moderno que glorifica a ação individual heroica, a ruptura com a moral comum e o progresso alcançado pela força:

[...] Lembro-me ainda, de que desenvolvo em meu artigo a ideia de que todos... bem, por exemplo, embora os legisladores tenham instituído a sociedade humana, começando pelo mais antigos e continuando com os Licurgos, Sólon, Maomé, Napolões etc., todos eles, sem exceção, foram criminosos já pelo simples fato de que, tendo produzido a nova lei, com isso violaram a lei antiga que a sociedade venerava como sagrada e vinha dos ancestrais, e aí, evidentemente, já não se detiveram nem diante do derramamento de sangue, caso esse sangue (as vezes completamente inocente e derramado de forma heroica em defesa da lei antiga) pudesse ajuda-los. É até notável que a maioria desses méritos e fundadores da sociedade humana foram sanguinários especialmente terríveis (Dostoievski, 2001, p. 269).

Essa concepção corresponde ao que Vovelle define como "força da inércia das estruturas mentais", elementos de longa duração que permanecem ativos na cultura mesmo em contextos de transformação. Como destaca, "muitos [...] tendem atualmente a descobrir, nessas lembranças que resistem, o tesouro de uma identidade preservada, estruturas intangíveis e enraizadas, a expressão mais autêntica dos temperamentos coletivos" (Vovelle, 1982, p. 15–16). O artigo de Raskólnikov sobre o homem "ordinário e extraordinário" revela precisamente isso, a internalização de uma ideologia de progresso, poder e individualismo, alimentada pelo culto a figuras históricas como Napoleão, que passa a operar como justificativa simbólica e moral para ações extremas.

Assim, o crime se torna uma tentativa de atualização pessoal de um mito coletivo, do indivíduo que transcende a norma, transgredindo um limite para ser portador de uma nova palavra, para cumprir um destino histórico. Tal gesto revela não apenas o conflito de um sujeito, mas a crise de uma sensibilidade cultural que oscila entre a tradição religiosa da culpa e o racionalismo moderno do heroísmo solitário.

A ação criminosa de Raskólnikov pode ser interpretada não apenas como uma transgressão moral filosófica e individual, mas como expressão histórica e simbólica de uma crise nas mentalidades coletivas da Rússia czarista do século XIX. Conforme aponta Marc Bloch:

Os fatos históricos são fatos psicológicos, é, portanto, em outros fatos psicológicos que encontram geralmente seus antecedentes. Sem dúvida, os destinos humanos inserem-se no mundo físico e sofrem sua influência. Aí mesmo, porém, onde a intrusão dessas forças exteriores parece mais brutal, sua ação não é exercida senão orientada pelo homem e seu espírito (Bloch, 2001, p. 66).

O crime de Raskólnikov é produto de um ambiente simbólico em ebulição, onde ideologias como o liberalismo, o socialismo utópico, anarquismo e o niilismo disputam a sensibilidade coletiva em um momento de colapso do absolutismo Czarista e da religiosidade ortodoxa tradicional. Complementarmente, Vovelle argumenta que a criminalidade e a delinquência populares revelam traços persistentes da mentalidade coletiva, especialmente nos momentos de crise social e política. O crime, geralmente visto de forma jurídica como desvio, deve ser lido, segundo o autor, como sintoma de inquietações simbólicas profundas, já que a figura do criminoso permanece como uma imagem poderosa no imaginário coletivo no qual o transgressor encarna, nos momentos de tensão histórica, a possibilidade de ruptura e reconfiguração do mundo.

Raskólnikov, ao se autoproclamar um "homem extraordinário" e agir como tal, não age apenas por ambição pessoal, mas torna-se símbolo de uma mentalidade em transição, um sujeito dividido entre a moral cristã da culpa e do arrependimento, buscando o amor como pena e o amor como expiação do crime, e o racionalismo heroico da modernidade. "A miséria não é apenas uma categoria econômica, é também uma ruptura com o código simbólico da dignidade, do pertencimento e da honra. Transgredir pode, então, significar reafirmar a própria existência" (Vovelle, 1982. p.18).

Ao longo do romance, Raskólnikov apresenta suas ideias persuasivas, mas que não visam buscar a verdade filosófica; sua intenção é apenas justificar a si mesmo pelo assassinato que cometeu. Em nome da grandeza Napoleônica tudo é permitido, mas

Raskólnikov não é Napoleão, e essa percepção gradual vem para devorá-lo vivo ao longo do romance. Ele deseja escapar da culpa, não pelo arrependimento, mas por uma isenção moral semelhante àquela que concederíamos aos "grandes homens" da história. De forma sutil, ele amplia a definição de homem extraordinário, o que antes se aplicava às figuras grandiosas como Newton ou Napoleão; passa a incluir também os "fora do comum", os que vivem à margem, como ele próprio.

A hipótese proposta por Raskólnikov de que Newton poderia cometer crimes em nome do progresso da matemática visa nos fazer aceitar que certos crimes podem ser perdoados se resultarem em avanços significativos para a humanidade. No entanto, ao sugerir isso, ele não está apenas construindo um argumento abstrato. Ele quer que essa mesma margem de tolerância se aplique a ele: um estudante pobre e anônimo, sem realizações notáveis, como mostra o excerto:

Eu passei tantos dias sofrendo por saber: Napoleão faria ou não? Então eu já percebia claramente que não sou Napoleão... eu suportei todo, todo o tormento, dessa conversa afiada, Sônia, e desejei arremessá-la toda de cima dos meus ombros. Sonia eu quis matar sem casuística, matar para mim, só para mim! Nesse respeito eu não queria mentir nem a mim mesmo! Não foi para ajudar minha mãe que eu matei, isso é um absurdo! Eu não matei para obter recursos ou poder, para me tornar um benfeitor da humanidade. (...) Eu precisava saber de outra coisa, outra coisa me impelia: naquela ocasião eu precisava saber, e saber o quanto antes: Eu sou um piolho? Como todos? Ou um homem? Eu posso ultrapassar ou não! (Dostoievski, 2001, p. 427-428).

E nesse sentido Nietzsche aponta o niilismo de Raskólnikov como uma crise do indivíduo moderno, como sintoma da falta de perspectiva do futuro, frente a fatores e agentes históricos, as crises morais e sociais que agem como sintoma no personagem, levando-o a criar sua própria ilusão o seu o próprio sentido fictício:

Todos os valores nos quais o homem até agora acreditou se tornaram duvidosos. Falta o objetivo; falta a resposta ao 'por quê?'. Onde antes havia um ponto de apoio para a alma, agora nada existe. Os antigos valores perderam seu valor, já não convencem, não exercem mais sua força. Diante disso, o homem, para não sucumbir, obriga-se a criar valores novos, dar a si mesmo leis, inventar uma finalidade para o seu agir. Ele fabrica ideais, sistemas, interpretações, para poder justificar-se diante de si mesmo. Sem essa invenção, estaria perdido pois o homem não suporta viver sem atribuir sentido a seus atos. Assim começa o

niilismo: quando o homem sente faltar-lhe o solo sob os pés e tenta criar para si um novo solo, mesmo que seja um solo fictício (NIETZSCHE, 2011, p. 23-24).

A lógica que sustenta sua teoria é frágil e o próprio romance demonstra isso. Raskólnikov deseja ser perdoado não pela religião ou por Deus, mas pelo reconhecimento histórico que se concede a figuras excepcionais. Sua busca de redenção se dá não pela confissão espiritual, mas pela aceitação simbólica como agente de uma nova palavra, que mata um princípio e ultrapassa um limite. Acredita fielmente que o sofrimento e a dor são obrigatórios para uma consciência ampla e um coração profundo; acredita que "os homens verdadeiramente grandes, devem experimentar uma grande tristeza no mundo" (Dostoevski, 2001, p.274).

Para Nietzsche, Napoleão é a figura histórica que exerce a vontade de Poder, o indivíduo capaz de criar valores e reorganizar o mundo por pura força afirmativa que vai contra a moral estabelecida. Já para Dostoiévski ele representa o egoísmo utilitarista do homem moderno, que justifica o mal em nome de um bem maior, o progresso. Raskólnikov adere à imagem de Napoleão, um transgressor legitimado por uma lógica matemática e não pela nietzschiana, que exige potência criadora. Por isso, seu crime se torna culpa até se entregar à polícia. Sua teoria é niilismo utilitarista, e sua prática, seu ressentimento e seu colapso na falta de sentido, a prova do erro fundamental de confundir grandeza com cálculo.

### **Considerações Finais**

A pesquisa atinge seus objetivos ao analisar o conceito filosófico niilismo presente na obra Crime e Castigo, e ao examinar e problematizar historicamente os fundamentos filosóficos que atravessaram o romance. Ao articular Nietzsche, a História das Mentalidades e a crítica literária, tornou-se possível compreender o crime não apenas como ação individual. Portanto, não se deve analisar o ato transgressor de Raskólnikov

pelo viés comum do crime, pois ele mesmo reivindica um estatuto em relação ao criminoso "comum". O desejo da maldade humana talvez se explique não pela carência material ou pela doença mental, mas pelo enigma profundo de um sintoma da sensibilidade moderna em crise. Ainda assim, este estudo constitui apenas um ponto de partida de que *Crime e Castigo* permanece uma obra cuja atemporalidade aborda reflexões históricas e filosóficas que sempre são renovadas sobre nossa ótica moral contemporânea. Assim, longe de esgotar o tema, este trabalho abre caminhos para pesquisas futuras que aprofundem o diálogo entre filosofia, literatura e história.

## REFERÊNCIAS:

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BERDIAEV, Nikolai. **The Russian Idea**. New York: The Macmillan Company, 1948. (Obra original publicada em 1921).
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os anos de provação, 1850–1859**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os anos milagrosos, 1865–1871**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2007.
- PRINTERS, Gambin. **Planche de canard contemporaine**: Lacenaire. Paris, 1836. Litografia. Acervo da Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- MONTEIRO, Fabrício Pinto. **Significações do “eu” nihilista: contrastes entre o século XIX e a contemporaneidade**. Uberlândia, 2008.
- NICOLAZZI, Fernando. História das mentalidades e história cultural. **Revista Vernáculo**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2000. DOI: 10.5380/rv.v1i1.17430. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/17430>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de potência: ensaio de uma transvaloração de todos os valores**. Trad. Marcos Sinésio Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de Gérard Lebrun; trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio Antônio Candido. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.